



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

MARINA DA SILVA BELARMINO

**A CONTRIBUIÇÃO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA FORMAÇÃO
DOCENTE**

**GUARABIRA-PB
2017**

MARINA DA SILVA BELARMINO

A CONTRIBUIÇÃO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA
FORMAÇÃO DOCENTE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito avaliativo para a conclusão da graduação em pedagogia.

Linha de pesquisa: Formação de professores
Orientadora: Prof^a Ms. Rita de Cássia Cavalcante.

GUARABIRA-PB
2017

B425c Belarmino, Marina da Silva.

A contribuição do estágio supervisionado na formação docente. [manuscrito] : / Marina da Silva Belarmino. - 2017.

46 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2017.

"Orientação : Profa. Ma. Rita de Cássia Cavalcante ,
Coordenação do Curso de Pedagogia - CH."

1. Estágio Supervisionado. 2. Formação Docente. 3. Curso de Pedagogia.

21. ed. CDD 372.24

MARINA DA SILVA BELARMINO

**A CONTRIBUIÇÃO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA FORMAÇÃO
DOCENTE**

Aprovada em: 07/12/2017.

BANCA EXAMINADORA

Rita de Cássia Cavalcante

Prof.^a Ms. Rita de Cássia Cavalcante (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Rita de Cássia da Rocha Cavalcante

Prof.^a Dra Rita de Cássia da Rocha Cavalcante (Examinadora)

Examinadora

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Luciana Silva do Nascimento

Prof.^a Ms. Luciana Silva do Nascimento (Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

GUARABIRA-PB

2017

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela força e coragem durante essa longa caminhada acadêmica, por ser tão fiel a minha vida e nunca me abandonar.

Agradeço e dedico esse trabalho bem como todas as minhas conquistas aos meus amados pais Francisca da Silva Belarmino e Manoel Belarmino, por sempre me impulsionarem a seguir os meus ideais e estarem sempre ao meu lado.

A minha tia Rita Inácio que é como uma segunda mãe pra mim e que sempre se fez presente em minha vida.

Aos meus irmãos Marcelo da Silva Belarmino e Marcos da Silva Belarmino por todo o cuidado desde sempre. E a todos os outros familiares que de forma direta ou indireta contribuíram para que eu chegasse até aqui.

A minha orientadora Rita de Cássia Cavalcante por toda paciência, compreensão e dedicação durante essa orientação.

À tantos outros professores que contribuíram para a minha formação acadêmica, deixando em mim um pouco do seu conhecimento.

As colegas de classe por todos os momentos vivenciados, e em especial as minhas amigas/irmãs Fernanda Dantas e Janaína Leobino que fizeram parte da minha formação e se tornaram essenciais em minha vida diante de tudo que vivenciamos no decorrer desses quatro anos e meio de curso, e que sem dúvidas estarão sempre presentes em minha vida.

A minha amiga Emmanuelle Alexandre, por todo o apoio de sempre e por toda a sua dedicação ao longo da nossa amizade.

Ao meu noivo e amigo de todas as horas Kleyton Galdryze por todo apoio, carinho e dedicação.

E, por fim, a Universidade Estadual da Paraíba onde passei os últimos quatro anos e meio, espaço em que por meio dela me tornei Pedagoga.

*"Se não consegues entender que o céu deve estar dentro de ti,
é inútil buscá-lo acima das nuvens
e ao lado das estrelas". Charles Chaplin*

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo analisar a prática do Estágio Supervisionado no curso da Universidade Estadual da Paraíba, no Centro de Humanidades, do Campus III/Guarabira/PB e sua contribuição para a formação docente. Para tanto, fez-se necessário resgatar um pouco do histórico do curso de Pedagogia no Brasil, articulado com o histórico do curso nesse Campus, buscando identificar a compreensão de estágio para os discentes, docentes atuantes nesse curso e representantes da escola campo para que além de compreender a concepção de estágio também identifique os avanços e dificuldades enfrentados. O desejo de realizar esse trabalho iniciou-se durante os estágios supervisionados em que fomos identificando as problemáticas enfrentadas nesse percurso de formação. Além de que nesses momentos descobríamos que os princípios que regem a pesquisa também norteiam o processo ensino-aprendizagem e os saberes que fundamentam a formação do Pedagogo. Optamos pela escolha da pesquisa-ação, pois de acordo com Ghedin (2011) ao esse tipo de pesquisa investe em conceber a pesquisa e a ação devem caminhar juntas, tendo em vista a transformação da prática. Para isso como não podíamos pesquisar todo o universo de escolas do estágio, o recorte foi uma das escolas campo, o Centro Educacional Raul de Freitas Mousinho e sendo imenso o número de estagiários decidimos por uma amostra desse universo, tendo como participantes discentes que estavam vivenciando o momento do estágio, professor da escola/campo e professoras responsáveis pelo estágio, na universidade. As análises conduziram para uma reflexão aprofundada das vivências em estágio e demonstraram sua importância na formação profissional, na qualificação da produção dos saberes docentes e das grandes dificuldades enfrentadas nessa etapa formativa.

Palavras-chave: Estágio Supervisionado. Formação Docente. Curso de Pedagogia.

ABSTRACT

The present work had the objective of analyzing the practice of Supervised Internship in the course of the State University of Paraíba, in the Humanities Center, Campus III / Guarabira / PB and its contribution to teacher training. Therefore, it was necessary to recover some of the history of the course of Pedagogy in Brazil, articulated with the history of the course in this Campus, seeking to identify the understanding of internship for the students, teachers working in this course and representatives of the field school, so that in addition to understand the internship concept also identify the progress and difficulties faced. The desire to carry out this work began during the supervised stages in which we were identifying the problems faced in this training course. In addition to these moments we discovered that the principles that govern research also guide the teaching-learning process and the knowledge that underlies the Pedagogue's formation. We chose the choice of action research, because according to Ghedin (2011) this type of research invests in conceiving research and action must go together, in view of the transformation of the practice. In order to do this we could not search the whole universe of schools of the internship, the cut was one of the field schools, the Educational Center Raul de Freitas Mousinho and being immense the number of trainees we decided for a sample of this universe having as participants students who were experiencing the moment of the internship, teacher of the school / field and teachers responsible for the internship, in the university. The analyzes led to a deepening of the experiences in internship and demonstrated their importance in the professional formation, in the qualification of the production of the teachers knowledge and of the great difficulties faced in this formative stage.

Keywords: Supervised internship. Teacher Training. Pedagogy course

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Foto 1 – Faixada da escola	48
Foto 2 – Entrada da Escola.....	48
Foto 3 – Pátio da Escola	49
Foto 4 – Quadra de Esportes da Escola	49
Foto 5 – Biblioteca	49

LISTA DE SIGLAS

ANFOPE: Associação Nacional pela Formação dos Profissionais da Educação.

CH: Centro de Humanidades

CONSEPE: Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão

CONSUNI: Conselho Universitário

DE: Departamento de Educação

EJA: Educação de Jovens e Adultos

ES: Estágio Supervisionado

LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação

PPC: Projeto Pedagógico do Curso

PPP: Projeto Político Pedagógico

UEPB: Universidade Estadual da Paraíba

Sumário

1 INTRODUÇÃO.....	10
1.1 Caminhar da Pesquisa.....	12
CAPÍTULO I.....	16
O CURSO DE PEDAGOGIA NO BRASIL: ELEMENTOS HISTÓRICOS.....	16
1.1 O Estágio Supervisionado e a Construção da Identidade Docente.....	20
CAPÍTULO II.....	22
O CURSO DE PEDAGOGIA E O ESTÁGIO SUPERVISIONADO: UM OLHAR SOBRE A EXPERIÊNCIA DO CENTRO DE HUMANIDADES EM GUARABIRA/PB	22
2.1 – O caminhar do Estágio no curso de Pedagogia da UEPB/Campus III/PB	25
CAPÍTULO III	30
AS CONTRIBUIÇÕES DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA PRÁTICA DOCENTE ...	30
3.1 – O Estágio na visão das docentes.....	30
3.2 Memórias da autora e do Estágio da pesquisadora.....	33
3.3 – A vivência cotidiana do Estágio: com a palavra os (as) discentes	37
3.4 - O Estágio como ponte de acesso ao conhecimento da realidade: com a palavra a educadora da escola campo	40
3.5 Observação das dificuldades encontradas para se ter aulas mais atrativas.....	42
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS	45
APÊNDICE	467

1 INTRODUÇÃO

O estágio supervisionado como espaço de aprendizagem e saberes se torna um elemento fundamental na formação docente, ganha maior atenção a partir de toda a luta dos (as) educadores/as nos anos 1980/1990, a partir dos vários fóruns de debates sobre a educação e docência. Sendo o estágio supervisionado uma exigência da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB, nº 9394/96 nos cursos de formação de professores, pois ele oferece uma oportunidade de interação entre os discentes com a área na qual atuarão. Configura-se em fases que servem como eixos norteadores entre a relação teoria-prática, consolidando os conhecimentos adquiridos no decorrer do curso e fortalecendo essa relação.

Esse momento da formação é uma das partes fundamentais do currículo dos cursos de Pedagogia e de formação de professores (as) nas licenciaturas, significando, pois é a oportunidade de vivenciar e realizar experiências formativas da vida profissional. No decorrer da história diferentes concepções sobre o Estágio Supervisionado foram se estabelecendo, umas que orientam numa perspectiva técnica e outras que se direcionam como núcleo importante na formação docente.

De acordo com Oliveira e Cunha (2006, p. 6): “Podemos conceituar Estágio Supervisionado, portanto, como qualquer atividade que propicie ao aluno adquirir experiência profissional específica e que contribua de forma eficaz, para sua absorção pelo mercado de trabalho”. Tal concepção traz um modelo de estágio ainda apoiado numa visão tecnicista, onde o estágio é apenas a parte prática, o que contribui para a separação entre teoria e prática e o isolamento desta da realidade da escola, gerando equívocos nos processos de formação profissional.

Contrapondo essa visão Ghedin (2015, p. 165), amplia a discussão sobre estágio e diz:

A experiência do estágio na formação de professores representa uma primeira aproximação de seu campo de atuação profissional. Tal experiência o obriga a realizar um trabalho de síntese entre teoria e prática educativa. Acredita-se que tanto o desenvolvimento profissional quanto o curricular, só poderão dar-se no contexto de um processo que articule intimamente teoria e prática educativa.

O estágio não deve ser visto apenas como a parte prática da experiência profissional, mas como um processo formativo baseado na ação e sobre a ação, valorizando assim a prática docente como fonte de pesquisa, lhe dando responsabilidade, conhecimento e compromisso por seu desenvolvimento profissional. O eixo articulador desse momento deve ser a pesquisa, como um instrumento epistemológico e metodológico fundamental no processo de construção

do conhecimento do professor em formação.

Sendo, pois, a pesquisa o elo articulador na experiência de estágio, fornecendo a oportunidade de promover aos discentes o contato com as questões e problemáticas da docência. Isso, posto, significa para Tracz (2011, p. 1) que: “o estágio é uma chance que o acadêmico tem para aprofundar conhecimentos e habilidades nas áreas de interesse do aluno”.

Percebemos que esse avanço na legislação vem se dando com regulamentação da LDB- 9.394/96, quando define as finalidades e meios de funcionamento dos cursos de formação de professores. E somente com a criação da lei do Estágio Supervisionado, que se define a organização dessa etapa. A Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008, define o estágio: “como o ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo do estudante. O estágio integra o itinerário formativo do educando e faz parte do projeto pedagógico do curso”.

Associando as leituras realizadas e a partir das nossas vivências no campo de estágio e, em especial, na experiência no Centro Educacional Raul de Freitas Mousinho, localizado na cidade de Guarabira – PB, e na Universidade Estadual da Paraíba – Campus III, fomos observando a importância dos momentos do estágio na nossa formação. Nesses espaços analisávamos a nossa responsabilidade enquanto formadoras e os desafios e contribuições que o campo de estágio nos oferece. Nesses momentos percebíamos que nós, alunos, tínhamos uma concepção fragmentada do estágio, entendendo-o apenas como um campo prático, onde iríamos aplicar as teorias vistas em sala ou ministrar aula e conteúdos. Dessa vivência surgem alguns questionamentos: Qual o significado do estágio para docentes, discentes e escola campo? Como vem sendo desenvolvido o estágio no curso de Pedagogia? Quais são as suas contribuições na formação do professor (a)?

Para responder as essas questões temos como objetivos: geral: analisar a prática do Estágio Supervisionado no curso de Pedagogia, no campus III/Guarabira e a sua contribuição para a formação docente. Específico: refletir sobre a importância do estágio na formação docente; identificar a compreensão de estágio para os discentes, docentes atuantes no curso de Pedagogia e representantes da escola campo e suas dificuldades; apresentar em forma de roda de diálogo o resultado da pesquisa, mostrando as principais questões vivenciadas no estágio e algumas perspectivas.

Sendo assim, entende-se que o estágio supervisionado se constitui como subsídio para a atuação na prática educacional daqueles que ainda não possuem experiência na área desejada, como também para o aperfeiçoamento da ação dos profissionais que já atuam na mesma e fortalecendo a relação teoria/prática.

Assim sendo, buscou se desenvolver essa pesquisa em capítulos para que se tenha uma visão mais acurada do objeto de investigação. Por tal razão, convida-se ao leitor (a) prosseguir conosco pelo seguinte percurso:

No 1º Capítulo trazemos um breve histórico sobre o curso de Pedagogia no Brasil, dando um enfoque ao Estágio Supervisionado e a construção da identidade docente com base no que vem sendo pensado por alguns pesquisadores. No 2º Capítulo, discorremos sobre as particularidades do curso em que fomos formadas, sua origem, buscando destacar o papel do Estágio Supervisionado e como ele vem sendo desenvolvido no Campus III, do Centro de Humanidades, da Universidade Estadual da Paraíba-UEPB, enfatizando as mudanças no novo projeto, no Regimento da Universidade e na Resolução de Estágio. Ilustrando com a visão de uma docente que fez parte da organização desse momento. No 3º Capítulo: abordaremos as contribuições do estágio para a formação docente e a importância do mesmo como um campo de pesquisa, trazendo a nossa própria vivência no estágio, como parte importante na construção e a percepção dos (as) docentes e discentes sobre as suas vivências, buscando articular com o que vem sendo pensado sobre o estágio teoricamente por outros pesquisadores.

1.1 O Caminhar da Pesquisa

O método mais apropriado para a realização de nossa pesquisa está apoiado na pesquisa-ação, pois de acordo com Severino (2007), é aquela em que, além de compreender, visa intervir, a partir de uma situação problema, com vistas a modificá-la.

A opção pela abordagem da pesquisa-ação se dá por essas razões antes especificadas, mas também pelo que diz Ghedin (2011, p.212) “Quando alguém opta por trabalhar com pesquisa-ação, de certo se investe da convicção de que pesquisa e ação podem e devem caminhar juntas, tendo em vista a transformação da prática”. E os princípios que norteiam esse tipo de pesquisa contemplam:

- A ação conjunta entre pesquisador e pesquisados;
- A realização da pesquisa em ambientes em que se dão as próprias práticas;
- A organização de condições de auto formação e emancipação para os sujeitos para os sujeitos da ação;
- A criação de compromissos com a formação e o desenvolvimento de procedimentos críticos- reflexivos para com a realidade;
- O desenvolvimento de uma dinâmica coletiva que permita o estabelecimento de referencias contínuas e evolutivas com o coletivo, no sentido da apreensão dos significados construídos e em construção;
- Reflexões que atuem na perspectiva de superação das condições de opressão, alienação e rotina massacrante;
- Resignificações coletiva das compreensões do grupo, articulada com as condições sócio-históricas;
- O desenvolvimento cultural dos sujeitos da ação (OP. CIT, p.220)

Embora, saibamos que o resultado desse trabalho poderá ou não influenciar nas mudanças sobre o Estágio Supervisionado e nas reflexões sobre essa etapa da formação. A intenção principal é mostrar que o estágio não é apenas um campo prático na formação, mas sim um campo de pesquisa e de aprofundamento das questões da docência. Pois, dependerá de como a Universidade e o próprio curso de Pedagogia vai consolidar os resultados desse trabalho. Mesmo assim, a intenção como pesquisadora é socializar o trabalho em apresentações a grupos de estágio após defesa.

É importante dizer que esse trabalho iniciou-se ao realizar o Estágio Supervisionado II, espaço em que íamos identificando nas avaliações do estágio, não só a nossa participação nas atividades da escola, como também refletia-se o quanto precisaríamos de um melhor direcionamento nessa atuação, dado que surgiram problemáticas do tipo: insegurança em assumir uma sala de aula, falta de domínio dos conteúdos e de turma, frustração quanto ao campo da docência. Fator que nos levou a indagar várias questões a serem debatidas/planejadas em sala.

O período destinado ao Estágio Supervisionado II – no Centro Educacional Raul de Freitas Mousinho, constitui-se como o espaço de essencial importância para alcançarmos os resultados desse trabalho, pois por meio das observações e práticas realizadas fomos compreendendo o papel do estágio na nossa formação.

Todavia, ao estagiar percebíamos que alguns acadêmicos realizavam as atividades com mais facilidade, principalmente quando já exerciam uma experiência no magistério. Ao passo que outros pareciam ter o estágio “um bicho de 07 cabeças”, dada à insegurança no que representava o papel da docência e sua forma interventiva na escola.

Reforçando ainda que o requisito para o trabalho com pesquisa-ação, nasce da problemática identificada na vivência do estágio e busca soluções para transformar a situação observada. Nesse sentido, concordamos com Thiollent (1986, p.14) quando considera que:

A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

De tal modo, a pesquisa-ação permite ao pesquisador que possa intervir em uma determinada problemática social. A sua utilização como forma metodológica consiste em que os participantes tenham condições de investigar a sua própria prática de uma forma reflexiva, buscando estratégias que visem soluções e meios para melhorar os problemas existentes.

Indo na mesma direção, Kemmis e Mc Taggart *apud* Elia e Sampaio (2001, p.248), parte do entendimento do seguinte conceito:

Pesquisa ação é uma forma de investigação baseada em uma autoreflexão coletiva empreendida pelos participantes de um grupo social de maneira a melhorar a racionalidade e a justiça de suas próprias práticas sociais e educacionais, como também o seu entendimento dessas práticas e de situações onde essas práticas acontecem. A abordagem é de uma pesquisa-ação apenas quando ela é colaborativa (...).

O conhecimento visado articula-se a uma finalidade intencional de intervenção na situação pesquisada. Assim, ao mesmo tempo em que realiza um diagnóstico e a análise de uma determinada situação, a pesquisa-ação propõe ao conjunto de sujeitos envolvidos mudanças que levem a um aprimoramento das práticas analisadas.

Para uma melhor compreensão de como a nossa pesquisa se desenvolveu definiremos cada etapa:

- a) Análise dos Projetos do curso de Pedagogia (2006 e 2016) da UEPB/CH/DE/campus III/PB, visou compreender a história do curso, a concepção e organização do estágio e da formação docente prevista nesses documentos.
- b) *Diagnóstico da realidade da Escola Campo* – Essa etapa se realizou durante o período que se destinou ao Estágio Supervisionado II – anos Iniciais do Ensino Fundamental. Em que realizamos o diagnóstico da escola, enfatizando caracterização e identificação da situação e problemáticas nela vivenciada e aspectos do fazer em sala de aula. Com o objetivo ter uma visão mais ampliada das necessidades ao estágio docente e da realidade em que iríamos atuar.
- c) *Diagnóstico sobre a vivência realizada no estágio* – O objetivo com esse instrumento foi investigar como os alunos chegavam ao campo de estágio, suas dificuldades de atuação, as orientações direcionadas e recebidas na instituição e pelos professores da escola/campo e as contribuições na sua formação.

- d) *As entrevistas* – Com objetivo de estabelecer uma relação entre as perspectivas de discussões teóricas sobre estágio e o que se vivencia sobre essa temática no curso de Pedagogia da UEPB/Campus III, a partir do olhar de professor/supervisor (as) e discentes que estão envolvidos na experiência de estágio. Para isso, definimos uma amostragem da pesquisa que consistiu em: 01 entrevista com a professora da turma que estagiamos; 06 questionários, direcionados a 04 estudantes (sendo 02 de cada etapa do estágio), 02 professoras da universidade responsáveis pelo estágio (sendo que uma das professoras foi a primeira coordenadora do estágio), cujo intuito era perceber a *concepção de cada sujeito sobre a vivências e contribuições do estágio na formação docente, o planejamento e as problemáticas e desafios enfrentados*. Com intuito de preservar a identidade dos entrevistados, não os identificamos e sim, usaremos as letras iniciais dos seus nomes.
- e) *Apresentação do trabalho de pesquisa*- Consistirá na apresentação do resultado desse trabalho na universidade e em congressos científicos.

CAPÍTULO I

O CURSO DE PEDAGOGIA NO BRASIL: ELEMENTOS HISTÓRICOS

Nesse tópico iremos trazer uma síntese da trajetória histórica do curso de Pedagogia no Brasil, destacando o papel do Estágio Supervisionado (ES)¹ no curso, e a construção da identidade docente, articulando com o que vem sendo pensado sobre o estágio teoricamente por alguns pesquisadores(as).

A trajetória histórica da criação do curso de Pedagogia no Brasil remete a vários aspectos de lutas, desafios e conquistas que se iniciam bem antes da sua criação em 1939, cuja proposta inicial visava formar bacharéis e licenciados para várias áreas.

De acordo com Silva (2006, p 11/12) o curso de pedagogia nesse período histórico teve uma perspectiva de natureza técnica voltada para formação dos bacharéis e outra generalista indicada para formação do magistério. Nesse sentido a autora considera:

O curso de pedagogia foi previsto como único curso da seção, de pedagogia que ao lado de três outras como – a de filosofia, a de ciências e a de letras – com seus respectivos cursos, compuseram as “seções”, fundamentais da faculdade. Como “seção” (grifos da autora) especial foi instituída a de didática, composta apenas pelo curso de didática. Foram fixados os currículos plenos e também a duração para todos os cursos. Para formação de bacharéis ficou determinada a duração de três anos, após os quais, adicionando-se um ano de curso de didática, forma-se-iam os licenciados, num esquema que passou a ser conhecido como “3+1”.

A proposta do “3+1” era decorrente de uma concepção normativa da época, pois visando formar para dupla função: bacharéis nas diversas áreas das Ciências, Filosofia, Letras, Química, Física e Matemática e licenciados. Nesse alinhamento, o curso de Pedagogia oferecia o título de bacharel, a quem cursasse três (03) anos de estudos dedicado a conteúdos específicos da área, sendo os fundamentos e as teorias educacionais. Após concluir o bacharelado, para receber o título de licenciado e atuar como professor deveria dedicar-se a mais um ano (01) de estudos, relacionados à Didática (SILVA, 2006)

Consequentemente essa limitação do currículo começou a ser avaliada e debatida a partir do exercício da função, especialmente pelo caráter, conforme o parecerista Valnir Chagas, o curso tinha um caráter generalista na formação, o que aponta uma fragilidade do curso e falta de conteúdo próprio sugerindo até a extinção do mesmo.

Logo, com a homologação da Lei n°. 4024/1961 e a regulamentação contida no

¹ A partir desse tópico quando falarmos em Estágio Supervisionado poderemos utilizar também a nomenclatura ES.

Parecer CFE n°. 251/1962, define para o curso de Pedagogia, além da Didática a Prática de Ensino. Além disso, conforme cita Silva (2006, p.15/17) sobre o parecer de Valnir Chagas:

Em realidade, nesse parecer, o seu autor professor Valnir Chagas, explicita claramente a fragilidade do curso de Pedagogia ao se referir, logo de início, à controvérsia existente a respeito da manutenção ou extinção do curso. Explica que a ideia da extinção provinha da acusação de que faltava ao curso conteúdo próprio, na medida em que a formação do professor primário deveria se dar ao nível superior e a de técnicos em educação em estudos posteriores ao da graduação.

Se pode assim dizer que essa era uma ideia avaliada para o futuro, já que a formação de professores primários em curso secundário já era considerada uma solução avançada para época. Ainda de acordo com Silva (2006, p.15), “Chagas trata de fixar o currículo mínimo e a duração do curso de Pedagogia”. O que deixa claro a ideia de provisoriedade como era tratado o curso.

Entretanto, a dualidade do curso de Pedagogia permanecia, uma vez que o Parecer n°. 292/1962 conforme cita Brzezinski (2002, p.57):

Seu relator pretendia esclarecer que, mesmo dicotomizando a formação em bacharelado e licenciatura, não haveria ruptura entre conteúdo e método na estrutura curricular, como ocorria no esquema 3+1. Porém dessa forma a organização curricular provocaria a separação entre conteúdo e método, pois seria impossível ocorrerem momentos de concomitância, se as disciplinas de didática e prática de ensino eram acrescentadas ao bacharelado para formar o licenciado na etapa final do curso de pedagogia.

Ainda segundo Brzezinski (op. cit, 71), esse Parecer, além de estabelecer dados históricos sobre a criação do curso de Pedagogia, detém-se na regulamentação dele.

Como forma de regulamentação legal a lei 5.540/68, cumpria o papel de estabelecer as normas para o Ensino Superior, dentro da lógica da ditadura militar. Essa lei regulamenta não só o funcionamento dos cursos superiores, como também disciplina a sua formatação. Ou como ainda considera Silva (2006, p. 25)

A lei da Reforma Universitária – 5.540/68 triunfam os princípios da racionalidade, eficiência e produtividade no trato do ensino superior. (...) Daí a subordinação dos cursos superiores às exigências da sociedade, na visão da ditadura militar, tanto no que concerne à formação de profissionais para os seus diferentes setores de trabalho, quanto as necessidades relacionadas ao desenvolvimento nacional, acentuando então a relação entre os cursos superiores e as profissões. Daí a institucionalização do ciclo básico, do sistema de créditos com matrícula por disciplinas, dos cursos de pequena duração e da departamentalização, ou seja, reunião de disciplinas afins no mesmo departamento, o qual passa a concentrar o ensino e a pesquisa numa mesma área.

No referente ao curso de Pedagogia, destinava-se a oferta de habilitações: Supervisão, Orientação, Administração e Inspeção Educacional, assim como outras particularidades indispensáveis e necessárias ao desenvolvimento nacional e às peculiaridades do mercado de trabalho.

Por meio de toda essa indefinição ao qual sofria o curso de Pedagogia e de toda a insegurança dos estudantes e profissionais ligados a esse campo, o pondo desse debate recai sobre a reformulação do curso e de sua estrutura curricular. Para Silva (2006, p. 23),

O que se defendia, então, era que num determinado momento do curso, os alunos passassem a fazer as suas opções curriculares em função das tarefas que pretendessem desempenhar dentre as que se esboçavam e as que já se encontravam definidas para o Pedagogo. Aliás, esta era uma tendência que se intensificava na área da educação em geral: a de se estabelecer a correspondência direta e imediata entre currículo e tarefas a serem desenvolvidas em cada profissão, tendência esta bastante visível no contexto pós-golpe militar de 1964. A administração pública e privada, em diferentes setores, submetia-se às exigências do projeto de desenvolvimento nacional visado pela ditadura militar.

Em consequência, a idéia do técnico em Pedagogia se tornava um elemento indispensável à educação. Essa idéia que ganhou destaque na década de 1960, no campo do ensino, foca também os objetivos do período ditatorial, que apela para o disciplinamento estudantil e que impõe algumas mudanças na universidade, favorecendo um modelo baseado na produtividade, na reformulação do ensino superior, nas interferências no movimento estudantil, fruto da aprovação da Lei 5.540/68 - Da Reforma do Ensino Superior.

Em 1969, o parecer CFE nº. 252, que definia a organização e o funcionamento do curso de Pedagogia, advertiu como finalidade do curso preparar profissionais da educação, proporcionando a possibilidade de obtenção do título de especialista, através da complementação de estudos. Visando à formação de professores para o ensino normal e de especialistas para as atividades de orientação, administração, supervisão e inspeção no âmbito das escolas e sistemas escolares. Conforme nos diz Silva (2003, p.26)

Em contrapartida, ao reformular a estrutura curricular do curso, cria habilitações para a formação de profissionais específicos para cada conjunto dessas atividades, fragmentando a formação do Pedagogo. É dessa maneira que o Conselho Federal de Educação (CFE) conseguiu acirrar, para o curso de Pedagogia, a relação formação superior e profissão anteriormente oficializada pela reforma universitária.

Porém, nem mesmo com todo esse acirramento se conseguiu solucionar a questão da destinação profissional dos seus egressos. E se essa estrutura curricular pretendia definir a formação do aluno de acordo com a sua futura área de atuação, acabou por gerar outras

questões e problemas. Nesta mesma linha Silva (op. cit, p.26) nos diz: “Partindo da concepção de que a profissão que corresponde ao setor de educação é uma só e que por isso as diferentes modalidades de capacitação devem partir de uma base comum de estudos”.

Deste modo o curso de Pedagogia passa a ser composto por duas partes: uma comum, que era formada por matérias básicas, e uma diversificada em função de habilitações específicas. Levando em conta que são cinco as áreas que verdadeiramente compõem a base de qualquer modalidade de formação pedagógica, a parte comum fica composta pelas seguintes matérias: Sociologia geral, sociologia da educação, psicologia da educação, história da educação, filosofia da educação e didática. Fica claro no Parecer que se defende uma ideia de que os diplomados em Pedagogia sejam de início, professores do ensino normal, tendo uma exceção somente àqueles que cumpram o curso em curta duração.

De acordo com as exigências do momento histórico, no início da década de 1980, foram realizadas reformas curriculares em vários cursos de Pedagogia do Brasil, vindo a formar no curso de Pedagogia professores para atuarem na educação pré-escolar e nas séries iniciais do ensino fundamental. Desde então o curso de Pedagogia, vai abraçando experiências de formação inicial podendo se trabalhar tanto com crianças, como na educação de jovens e adultos.

É importante destacar que o curso de Pedagogia tem sua história construída no cotidiano das instituições de ensino superior, presentes nos diferentes fóruns (encontro, conferências, simpósios). De acordo com Silva (op. cit, p.75)

A partir de 1990, a questão da identidade do curso de Pedagogia- representada pelo debate sobre as funções do curso bem como sua estruturação – deixa de ser uma das questões centrais do movimento, então sob coordenação da ANFOPE. Considera-se que as divergências estariam superadas, uma vez que já se admitia as diferentes opções e experiências locais e regionais (ASSOCIAÇÃO NACIONAL PELA FORMAÇÃO DOS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO, 1994). Grifos da autora. O foco passa a ser, ao invés de temas específicos do curso de Pedagogia, aquele referente à formação dos educadores em geral: a base comum nacional (COMISSÃO NACIONAL DE REFORMULAÇÃO DOS CURSOS DE FORMAÇÃO DO EDUCADOR, 1990). Grifos da autora.

A partir desse ano, o curso de graduação em Pedagogia foi se constituindo como o principal locus da formação docente dos educadores, que tinham como objetivo atuar na Educação Básica, nas etapas da Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Foi então que a formação dos profissionais da educação passou a compor, reconhecidamente, o pré-requisito de formação para atuar na Educação Básica, no País, regulamentado pela LDB- 9.394/96 e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da

Educação Básica, em nível Superior (2002) e das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia (2006).

1.1 O Estágio Supervisionado e a Construção da Identidade Docente

É importante destacar que a formação profissional advém de um trabalho de reflexão crítica sobre as práticas sociais de formação do sujeito, é uma reconstrução contínua de sua identidade profissional. Logo, a compreensão da identidade docente é bem mais complexa, visto que é uma realidade que evolui e se desenvolve, não apenas no coletivamente, mas no pessoal, levando em conta que a identidade docente não é uma forma que se possui, mas algo que se é construído ao longo da vida.

De tal forma, o estágio também se torna um desses momentos de formação da identidade docente em que o constante processo de ação-reflexão das práticas e do fazer pedagógico vai se (re) construindo na medida em que atuamos nas escolas.

De acordo com Pimenta e Lima (1997, p.42)

Uma identidade profissional constrói-se com base na significação social da profissão; na revisão constante dos significados sociais da profissão; na revisão das tradições. Mas também na reafirmação das práticas consagradas culturalmente e que permanecem significativas. Práticas que resistem a inovações porque são prenes de saberes válidos às necessidades da realidade, do confronto entre as teorias existentes, da construção de novas teorias. Constrói-se também pelo significado que cada professor, como ator e autor, confere à atividade docente do seu cotidiano com base em seus valores, seu modo de situar-se no mundo, suas histórias de vida, suas representações, seus saberes, suas angústias e seus anseios.

No decorrer de suas análises as autoras refletem sobre a profissão professor e consideram que a mesma é cheia de particularidades e condições determinantes, pois ser professor é muito mais do que se aprende nos bancos das universidades.

Nessa mesma direção Zabalza (2014, p.187) nos diz:

A grande diferença no processo de aprendizagem durante o estágio e o que se produz nas salas das Universidades é, sem dúvida, o papel desempenhado pela experiência pessoal e direta. Não se trata de aprendizagem medida pelos livros, pelas explicações dos professores ou pelo contêiner semântico do qual recuperamos as noções a serem assimiladas. Não é uma aprendizagem baseada em palavras, e sim no envolvimento com o qual o aprendiz enfrenta sua atuação.

A profissão docente é uma profissão que exige muito esforço, compromisso e pesquisa. Nesse sentido, o estágio promove a interação do novo profissional com a atividade escolar, lugar em que as teorias serão validadas.

Ou como ainda consideram as autoras Pimenta e Lima (op. cit, p. 111):

Aprender a profissão docente no decorrer do estágio supõe estarem atentos as particularidades e as interfaces da realidade escolar em sua contextualização na sociedade. Onde a escola está situada? Como são seus alunos? Onde moram? Como é a comunidade, as ruas, as casas que pertencem a adjacências da escola?.

Com isso, tem-se a ideia de que ser um profissional do ensino é uma tarefa simples. No entanto, é necessário considerar a intencionalidade da atividade docente, pois não podemos esquecer que ser professor é se relacionar, é estar imerso nas relações interpessoais, e se fazer delas para efetivar sua função e o estágio proporciona essa relação de aproximação do discente com o seu futuro campo de trabalho.

Pimenta e Lima (op.cit, p.103), também afirmam: “estágio como reflexão da práxis possibilita aos alunos que ainda não exercem a docência aprender com aqueles que já possuem experiência na área docente”.

Segundo Zabalza (2014, p. 180) “Se entendermos o estágio como momento e situação de aprendizagem, importará muito considerar de que forma se organizou esse processo, sob que enfoque de aprendizagem e priorizando que tipo de dimensões ou propósitos formativos“. Assim, devemos entender e refletir os momentos do estágio como situações de aprendizagens para ação docente e seus processos formativos.

O Estágio Supervisionado tem o objetivo de propor uma junção real entre a teoria e a prática, pois o conhecimento acadêmico se depara com uma aplicabilidade nas atividades da sala de aula, desse modo a práxis realmente ganha sentido ao chegar no seu objetivo maior, ou seja, o conhecimento teórico dando sustentação para a prática, e conseqüentemente promovendo um melhor ensino e aprendizado para todos os envolvidos nesse processo.

CAPÍTULO II

O CURSO DE PEDAGOGIA E O ESTÁGIO SUPERVISIONADO: UM OLHAR SOBRE A EXPERIÊNCIA DO CENTRO DE HUMANIDADES EM GUARABIRA/PB

Após expor esse breve histórico do curso de Pedagogia no Brasil e traçar uma discussão breve sobre a identidade do pedagogo e a importância do estágio supervisionado, trataremos de demonstrar a particularidade do curso em que fomos formadas, como originou o curso de Pedagogia, no Centro de Humanidades, da Universidade Estadual da Paraíba-UEPB-Campus III/Guarabira/PB e buscaremos destacar o papel do Estágio Supervisionado e como ele vem sendo concebido nessa instituição. É importante salientar que esse olhar partirá da reflexão sobre a estruturação do estágio no Centro de Humanidades e, especialmente no curso de Pedagogia do campus III de Guarabira/PB. Aqui traremos a visão de uma docente que esteve na organização desse momento da construção do curso de Pedagogia no Campus.

Lembrando também, que ocorreram mudanças fundamentais no curso de Pedagogia no Brasil, a começar pela implantação das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia (2006), que vinham ocorrendo em todo Brasil e com as mudanças que vinham acontecendo na instituição sobre o componente de Estágio Supervisionado, frente à criação da RESOLUÇÃO/UEPB/CONSEPE/012/2013, instituída na Universidade Estadual da Paraíba-UEPB.

A nossa inserção no curso de Pedagogia foi dentro do Projeto Político Pedagógico – PPP formulado em 2006, que no seu conteúdo inicial, apesar de ter o componente Estágio Supervisionado, não contemplava uma concepção e nem uma definição de como deveria ser direcionado o Estágio. Embora não fosse definida a concepção pedagógica de estágio, nos itens do Perfil do Estudante, na Atuação Profissional e na Organização da Composição Curricular se traz toda uma discussão sobre como deve ser a atuação do Pedagogo, apontando para um direcionamento de como deve ser os espaços de atuação profissional, de acordo com o PPP (2006, p. 17),

Enquanto discente do curso de Pedagogia serão considerados espaços de atuação profissional prioritariamente a escola pública ou privada, da educação básica, primeira fase, além das experiências educativas que desenvolvam saberes pedagógicos, que possam ser acompanhadas sistematicamente através do trabalho realizado nos componentes curriculares ofertados. (...) Os egressos do Curso de Pedagogia ora tratado poderiam atuar profissionalmente em distintas funções:

- Professor em Educação Infantil, anos iniciais do Ensino Fundamental e em Educação de Jovens e Adultos, para atuar em escolas públicas e privadas;

- Gestão educacional de espaços escolares e não-escolares;
- Coordenador pedagógico em escolas da rede pública oficial e privada;
- Professor de classe especial e de sala de aula de recursos em escola pública ou particular;
- Assessor para pessoas com necessidades especiais, educação de jovens, adultos e em movimentos sociais e populares;
- Pedagogo de instituições educacionais, não propriamente escolares, que atendam crianças, jovens ou adultos, onde seja requeridos conhecimentos pedagógicos.

No referente às áreas de aprofundamento da formação e como elas devem ser organizadas o PPP (2006, p. 19), retrata:

(...) A organização do currículo proposto constitui-se de núcleos, tal como se segue: um Núcleo de Atividades Básicas, comum a todos os graduandos e os demais (Núcleo de Aprofundamento e Diversificação de Estudos e Estudos Integrados), correspondente a opção de formação, compreendendo a Educação Básica nas séries iniciais (Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental), e duas áreas de Aprofundamento (Educação de Jovens e Adultos e Gestão Educacional).

Apesar de termos sido formadas dentro desse PPP, também resolvemos considerar o novo documento do Projeto Pedagógico do Curso de Pedagogia (PPC, 2016), após sua reformulação que nos deu uma melhor compreensão histórica do curso e da organização e regulamentação do Estágio Supervisionado.

O PPC (2016) considera que o curso de Pedagogia inicia a sua trajetória de organização no ano de 2005, quando uma comissão de professores do Departamento de Letras e Educação e do Departamento de GeoHistória, apresentaram ao Conselho de Centro a primeira versão do Projeto Político Pedagógico do curso, o qual foi aprovado, tendo sido encaminhado para as demais instâncias da universidade. E, em 30 de outubro de 2005, o CONSUNI, ciente da realidade social e educacional da região do brejo paraibano aprovou a criação do mesmo, reconhecendo a importância de sua criação para o município de Guarabira-Pb e regiões circunvizinhas.

O curso foi criado visando à oferta de formação pública do Pedagogo, com base na Educação Infantil e os anos iniciais do Ensino Fundamental, com duas áreas de aprofundamento: Gestão Educacional e Educação de Jovens e Adultos.

Além disso, amparado pela legislação específica, os egressos do curso podem atuar também na gestão, em espaços escolares e não escolares, bem como em programas, projetos e práticas alternativas em educação, em que sejam necessários conhecimentos pedagógicos.

Entretanto, no que se refere ao disciplinamento legal do Estágio Supervisionado, está amparado pela LDB – 9394/96, através das Diretrizes Nacionais do curso de Pedagogia

(2006) e das Diretrizes da Formação do Profissional da Educação Básica no Ensino Superior (2002). Nesta, em seu Art. 13º, define:

Em tempo e espaço curricular específico, a coordenação da dimensão prática transcenderá o estágio e terá como finalidade promover a articulação das diferentes práticas, numa perspectiva interdisciplinar.

§ 1º A prática será desenvolvida com ênfase nos procedimentos de observação e reflexão, visando à atuação em situações contextualizadas, com o registro dessas observações realizadas e a resolução de situações-problema.

§ 2º A presença da prática profissional na formação do professor, que não prescinde da observação e ação direta, poderá ser enriquecida com tecnologias da informação, incluídos o computador e o vídeo, narrativas orais e escritas de professores, produções de alunos, situações simuladoras e estudo de casos.

§ 3º O estágio curricular supervisionado, definido por lei, a ser realizado em escola de educação básica, e respeitado o regime de colaboração entre os sistemas de ensino, deve ser desenvolvido a partir do início da segunda metade do curso e ser avaliado conjuntamente pela escola formadora e a escola campo de estágio.

Na realidade local, o curso de Pedagogia, na UEPB/campus III, em sua Resolução RESOLUÇÃO/UEPB/CONSEPE/012/2013, no Art. 1º, da concepção de Estágio Supervisionado:

O componente curricular obrigatório articulado pela relação teoria-prática e integração ensino-pesquisa-extensão, realizado pelos alunos dos cursos de Graduação em Licenciatura da UEPB sob a forma de vivência profissional docente nas instituições educacionais.

§1º. O Estágio Supervisionado é um componente curricular obrigatório nos cursos de Formação de Professores da Educação Básica e deve acontecer, preferencialmente, nas unidades escolares das Redes Públicas Oficiais e espaços não escolares que atuem em atividades educacionais.

§2º. O Estágio Supervisionado articula a integração do conhecimento teórico adquirido à prática profissional, na diversidade dos Campi da UEPB em suas demandas sócio educativas.

Sendo assim, percebe-se nessa concepção que o estágio tem como objetivo, instrumentalizar o estudante do curso de Pedagogia e demais graduações para que este possa construir a partir dessa etapa da formação suas reflexões profissionais e acadêmicas articuladas com uma compreensão mais ampla das relações existentes na escola, de suas problemáticas, da relação família e escola, das dificuldades de aprendizagem, entre outras questões que permeiam o âmbito escolar e os processos de transformações para que a escola desempenhe sua função social.

2.1 – O Caminhar do Estágio no Curso de Pedagogia da UEPB/Campus III/PB

Para compreendermos como vem se desenvolvendo o Estágio, no curso de Pedagogia da UEPB/Campus III/PB, entrevistamos a responsável pelo Estágio em Ensino Fundamental e que também foi uma das primeiras coordenadoras do Estágio Supervisionado, em que a mesma relata aqui o seu registro:

....Algumas informações e reflexões acerca do Estágio Supervisionado do Curso de Pedagogia a partir do a partir do olhar de uma professora do quadro efetivo da UEPB Campus III, que atuou como Coordenadora do Estágio de Letras e Pedagogia e Coordenadora do Estágio do Curso de Pedagogia, após a criação do curso, no CH/UEPB. Além disso, tem atuado professora do Estágio Supervisionado II - Anos Iniciais do Ensino desde 2011 aos dias atuais.

No ano de 2017 completamos 10 anos de curso e muitos acontecimentos enriqueceram nossa história. Procurei fazer um recorte da experiência que vivi, porque como já afirmou Leonardo Boff “Todo ponto de vista é a vista de um ponto”. Eis que apresento agora a minha visão acerca da temática em questão.

Antes da criação do curso, nós pedagogos e demais profissionais da formação pedagógica trabalhávamos com as licenciaturas que aqui existiam (Letras, História e Geografia), vinculadas ao Departamento de Letras e Educação. Éramos (e ainda somos) responsáveis pela formação pedagógica de licenciandos e licenciandas. Encontrei aqui duas educadoras do quadro efetivo, as professoras Rita de Cássia da Rocha Cavalcante e Mônica de Fátima Guedes de Oliveira, que partilhavam este trabalho com os professores substitutos que atuavam no referido Campus da UEPB e começaram a pensar sobre a possibilidade de criação do curso de Pedagogia, principalmente porque na região ainda não havia um curso de magistério para os anos iniciais do ensino fundamental, que fosse realizado em instituição pública de nível superior.

Após a nossa chegada, o novo grupo de professores também passou a refletir sobre a criação do referido curso e a trabalhar, apesar de todos os encargos que tinha à época, no planejamento do Projeto do Curso. Foram dias, noites, madrugadas de muito trabalho até que a primeira versão do projeto ficasse pronta para ser avaliada pelo CONSUNI/UEPB. Juntaram-se à Professora Rita Rocha e à Professora Mônica Guedes, as Professoras Verônica Pessoa, Rita de Cássia Cavalcante, Débora Fernandes e o Professor Genivaldo Paulino Monteiro. Cada profissional dentro de suas possibilidades ofereceu o melhor de si a este curso de modo que em 2006 conseguimos aprová-lo e em 2007 contamos com as duas primeiras turmas de Pedagogia. E daí em diante muitas outras chegaram a este curso.

A cada novo semestre, novas turmas e novas experiências foram surgindo. Em 2008, chegaram para o quadro efetivo mais duas professoras do concurso de 2004: as professoras Germana Menezes e Luciana Nascimento. Também recebemos o professor Eduardo Jorge. Todos(as) ainda vinculados(as) ao antigo Departamento de Letras e Educação. Havia outra professora que deveria ser contratada e que foi aprovada no referido concurso de 2004. Mas isto não ocorreu.

Só em 2011 passamos a existir enquanto Departamento de Educação. Foi com grande esforço e muita luta que conseguimos este espaço tão importante desde então para este Centro de Humanidades. Quero destacar a preciosa atuação dos(as) inúmeros(as) professores(as) substitutos(as) que tivemos até hoje e nosso apreço pela sua dedicação, que muito tem contribuído com a formação dos(as) nossos(as) estudantes. Além da contribuição destes(as) professores (as) substitutos(as) são também valiosas as contribuições da professora Ivonildes Fonseca, da professora Taíses Araújo e do professor Vital Araújo, pessoas que chegaram para a formação de professores após a contratação dos efetivos que fizeram o concurso de 2004.

Pessoalmente, entrei nesta instituição para compor a Área de Instrumentação de Práticas Pedagógicas. À época atuando com componentes tais como Prática

Pedagógica I e II, OTEC, PDPA nos cursos de Letras, Geografia e História. Após a criação do curso de Pedagogia, trabalhei com as Práticas Pedagógicas I e II, com OTEC, com Oficina Pedagógica, com Estágio Supervisionado II e com Educação Especial. Retomando a história da nossa atuação no Câmpus III, informo ainda que em 2009 assumi da Coordenação do Estágio de Letras e Educação, um ano após a aprovação nova legislação que regulamentava o estágio Supervisionado em todo o país, a Lei do estágio Supervisionado nº. 11.788/2008. Quando o Departamento foi criado, passei a assumir a Coordenação do Estágio de Pedagogia, que depois de dois anos e meio, em 2012, ficou sob a responsabilidade da Professora Rita de Cássia Cavalcante e hoje está nas mãos da mais nova professora do quadro efetivo Taisés da Silva Araújo, sendo a Professora Germana Menezes sua adjunta. Este trabalho com o Estágio ao longo dos anos não tem sido fácil, mas extremamente necessário e gratificante. Poderia destacar as dificuldades que a Coordenação do Estágio enfrenta, mas este grupo prova que sabe como contornar, como sabiamente a água o faz, os obstáculos e 'sabe construir castelos com as pedras que encontra pelo caminho'. (Entrevistada - D.R.F.B)

Ainda considerando o depoimento da Prof^a, e de acordo com o PPP do curso de 2006, o Estágio do curso de Pedagogia está organizado da seguinte forma: Estágio Supervisionado I (Educação Infantil); Estágio Supervisionado II (Anos Iniciais do Ensino Fundamental) e Estágio Supervisionado III (EJA ou Gestão Educacional - Áreas de Aprofundamento as quais os (as) estudantes podem escolher a partir do sexto período (manhã) e oitavo período (noite)). E diz ela: “O Projeto Pedagógico de Curso novo apresenta a mesma forma de distribuição destes componentes. E que no ano de 2017 o curso funciona com dois projetos: o de 2006 e o de 2017”.

A mesma ainda nos informou que o referido Estágio foi acompanhado especialmente por professores (as) do quadro temporário e algumas professoras do quadro efetivo, que assumiram especialmente o Estágio Supervisionado II (efetiva 1) e Estágio Supervisionado III (Efetiva 2). E, ainda registra:

Considerando que a minha atuação se deu mais efetivamente no âmbito da Coordenação do Estágio Supervisionado e no âmbito do Estágio Supervisionado II, registrarei a seguir informações acerca destas duas experiências...
No segundo semestre do ano de 2009, ao assumir os dois estágios de Letras e Pedagogia, tive que trabalhar para organizar, junto com os professores, todos os documentos necessários para o acompanhamento dos(as) estudantes do Estágio dos Cursos. Então, tivemos (professores(as) de Letras e Pedagogia) reuniões quinzenais que tinham a finalidade de sistematizar e refletir sobre as atividades a serem realizadas nos Estágios Supervisionado I (voltado para o Ensino Fundamental II) e II (voltado para o Ensino Médio) de Letras e Pedagogia (Estágio Supervisionado I – voltado para a Educação Infantil). O processo de organização não foi fácil porque a nova legislação (Lei 11. 788, de 25 de setembro de 2008) determinava a oficialização do Estágio Supervisionado. Isto porque: Art. 1º Estágio é ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo de educandos que estejam freqüentando o ensino regular em instituições de educação superior, de educação profissional, de ensino médio, da educação especial e dos anos finais do ensino fundamental, na modalidade profissional da educação de jovens e adultos. Grifos da autora. (BRASIL, 2008, art. 1º). (Entrevistada- D.R.F.B)

A mesma ainda acrescenta que a partir de 2008, passou a existir, em função da Lei acima citada, a necessidade de celebração de um Termo de Compromisso entre todas as partes envolvidas no Estágio Supervisionado. A nova lei passou a exigir ainda que ao final das atividades do estágio os (as) estudantes apresentassem ao curso um Relatório de Atividades.

Nesse sentido, a referida professora ainda acrescenta que todas as atividades de Estágio conforme a área de aprofundamento Educação Infantil Ensino Fundamental ou Ensino Médio ou modalidade Educação de Jovens e Adultos ou conforme a atividade pedagógica e administrativa - Gestão Educacional,

Os(as) professores(as) além da orientação acerca das atividades pedagógicas do Estágio, passaram a se preocupar com as questões administrativas, pois agora tinham em mãos, no início das atividades de cada semestre, uma série de documentos para dar conta. Havia a exigência de que os(as) gestores(as) ou responsáveis por cada escola também assinassem os documentos para a referida oficialização do Estágio e nem sempre a sua agenda coincidia com a dos(as) estudantes que precisavam da coleta de dados e assinatura para o termo de compromisso. Idas e vindas às escolas passaram a fazer parte da rotina dos(as) estagiários(as) pela razão acima descrita. Sendo assim, os(as) estudantes passaram a vivenciar um período de orientação relacionado às questões que envolviam a documentação, as questões da observação da escola e da sala de aula e das intervenções propriamente ditas, quando os (as) estudantes para logo depois preparem aulas ou oficinas para ministrá-las junto a alunos(as) e/ou professores(as) das escolas campo de estágio.

Em 2011, foi desmembrado o antigo Departamento de Letras e Educação e foram criados: o Departamento de Letras e o Departamento de Educação. Fui nomeada Coordenadora Adjunta do Curso de Pedagogia, mas permaneci como Coordenadora do Estágio Supervisionado, desta vez, do Curso de Pedagogia.

Continuamos o trabalho de sistematização de materiais para o Estágio e de reflexão sobre os encaminhamentos para as atividades pedagógicas do mesmo. Foram acontecendo várias experiências, que estavam relacionadas às especificidades de cada componente. Por exemplo, em entre 2009 e 2012, período em que atuei na Coordenação do Estágio, havia uma legislação interna, Resolução UEPB/ CONSEPE, nº. 14 de 2005, que determinava que no Estágio I os(as) estudantes só deviam observar e planejar. Não havia, portanto, a indicação de intervenções para o Estágio Supervisionado I. Sendo assim, os (as) estagiários (as) da Educação Infantil não podiam assumir as salas de aula deste nível de ensino. A saída foi a realização de oficinas com os(as) professores(as) das creches e pré-escolas de Guarabira. A situação melhorou com a aprovação da nova resolução do Estágio Supervisionado da UEPB, em 2013 (a Resolução UEPB/ CONSEPE nº. 12 de 2013), quando a questão da intervenção no Estágio I, de Pedagogia foi resolvida.

É preciso destacar que cada componente do Estágio de Pedagogia tinha especificidades que faziam com que os(as) professores(as) realizassem atividades em conformidade com as mesmas. Isto acontecia, às vezes, com muita dificuldade. É o caso do Estágio Supervisionado III, em Gestão Educacional, pois nem sempre havia gestores(as) disponíveis para o oferecimento de informações, assinatura de documentos e acompanhamento dos (as) estagiários (as). No caso da EJA os(as) estagiários(as) contavam com a dificuldade para encontrar salas de aula suficientes para que todos(as) pudessem realizar o Estágio.

Os(as) professores(as) do Estágio tinham que ter muita criatividade para propor atividade e acompanhar os grupos da melhor forma possível. Além do mais tinham que realizar uma verdadeira maratona para o acompanhamento dos(as) estudantes nas escolas, uma vez que não havia, e ainda não há, transporte para que pudessem/possam se locomover até as escolas campo. Em alguns casos, tendo que

acompanhar mais de uma turma no mesmo semestre. (ENTREVISTADA- D.R.F.B)

No tocante Estágio Supervisionado II- anos iniciais do Ensino Fundamental, que a referida professora é responsável, ela afirma:

A situação é semelhante em alguns aspectos, mas pelo menos tínhamos mais alternativa de trabalho. Contamos com salas de escolas públicas (municipais e estaduais) do ensino fundamental I. Subdividimos as atividades a serem realizadas na UEPB e nas escolas-campo. Assim, sempre no primeiro mês oferecemos informações acerca da documentação, das questões referentes à observação da escola e da sala de aula, às questões do Planejamento, quando realizamos oficina para elaboração de planos de aula. Trabalhamos com textos que tratam da importância do estágio em cursos de formação de professores e da atuação do professor pesquisador. Lembramos que os conteúdos aprendidos ao longo de todo o curso de Pedagogia são a base que fundamentam o planejamento das atividades e sua execução no âmbito das salas de aula das escolas campo de Estágio.

O Estágio é um momento de articulação entre teoria e a prática. Os(as) estagiários(as) saem, após estas orientações para o preenchimento e coleta de assinaturas dos documentos do Estágio. Voltam para a universidade para novos encaminhamentos. Depois seguem para a realização da observação das escolas e das salas de aula onde realizarão o Estágio. Elaboram um Relatório Parcial para entregar à professora supervisora do Estágio na UEPB. Fazem o planejamento das aulas e fazem a intervenção nas salas do 1º ao 5º ano, com encontros intercalados para orientações e reflexões sobre as atividades desenvolvidas ao longo do Estágio. Recebem também informações acerca da elaboração dos relatórios. Finalizam com o a elaboração do Relatório do Estágio. Sempre que possível, são realizadas microaulas apresentadas para os colegas de sala de aula da UEPB, que ajudam na avaliação das atividades feitas por eles mesmos.

Ressaltamos ainda que a acolhida das escolas é fundamental para que este trabalho seja realizado. Assim os(as) supervisores(as) da escola oferecem uma colaboração significativa para o acompanhamento dos(as) estagiários (as). Este(as) últimos(as) que estão sendo preparados, em sua, maioria, para atuação nas mais diversas escolas, dos mais diversos municípios paraibanos e/ou brasileiros.

Em linhas gerais, estas são as nossas contribuições acerca do Estágio Supervisionado. Para finalizar, deixo-lhes um pensamento de Paulo Freire: “Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda”. (D.R.F.B)

Analisando essa fala, se observa que houve bastante dedicação e empenho dos envolvidos da área de Educação para que construíssem o curso de Pedagogia no Campus III, além de tudo percebemos que também pela nossa vivência de acadêmica, que a ausência de um número suficiente de professores (as) efetivos, de certa forma, dificulta o desenvolvimento das atividades do curso como mais acompanhamento e momentos destinados a avaliação do curso. Isso também reflete no estágio, especialmente no que se refere à disponibilidade de professores para fazer o acompanhamento dos estagiários na escola/campo.

E como bem coloca a professora, a dificuldade de transporte para que os mesmos possam se locomover de uma escola para outra, levando em conta que algumas escolas ficam

distantes uma da outra, e que por vezes o professor deverá fazer o acompanhamento de mais de uma turma, no mesmo semestre e na mesma semana, o que dificulta ainda mais o acompanhamento desses alunos.

Pelo que vivenciamos e vimos, identificamos também que o Estágio teve importantes avanços, dentre eles consiste a vivência em escolas da rede de escolas públicas do município e do estado e o momento propriamente dito da construção do Relatório de Estágio, sendo a essa etapa, em que nós discentes, refletimos e observamos a nossa própria prática de pesquisadores (as) e de docentes, quando percebemos que já estamos exercitando um dos momentos de pesquisa.

Porém, vale ressaltar que muitos discentes não têm a preocupação de fundamentar e analisar as experiências vividas no campo de estágio, apenas relatam, de modo mais descritivo os fatos e situações observados e os momentos da docência em sala de aula, contribuindo para que o relatório seja apenas um documento para constar no processo avaliativo, sem ter a preocupação de refletir a prática vivenciada, a luz do que aprendemos durante o curso.

CAPÍTULO III

AS CONTRIBUIÇÕES DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA PRÁTICA DOCENTE

Buscando relacionar estágio como campo importante da pesquisa, neste item iremos abordar as contribuições do Estágio para a formação docente, demonstrando a partir dos depoimentos de docentes e discentes que estão e vivenciaram as etapas do estágio. Mas esboçaremos a nossa própria experiência como parte dessa construção.

Percebemos que um dos objetivos principais do estágio é gerar uma aproximação da realidade escolar, para que dessa forma o discente possa compreender os desafios que envolvem a carreira profissional docente, obtendo informações e trocas de experiências e entendendo a realidade do campo escolar.

Pode-se assim dizer que o Estágio é um dos primeiros contatos do docente com a sua futura área de atuação profissional e com sistema educacional como um todo. Ou como disse Andrade (2005, p. 2)

É, portanto, o Estágio, uma importante parte integradora do currículo, a parte em que o licenciando vai assumir pela primeira vez a sua identidade profissional e sentir na pele o compromisso com o aluno, com sua família, com sua comunidade com a instituição escolar, que representa sua inclusão civilizatória, com a produção conjunta de significados em sala de aula, com a democracia, com o sentido de profissionalismo que implique competência - fazer bem o que lhe compete.

Sendo assim, entende-se que o estágio é um momento de aprendizado pessoal e profissional, acredita-se que por meio deste o estudante desenvolverá a ação-reflexão e poderá articular de forma coesa seu embasamento teórico com a realidade institucional vindo a intervir de forma construtiva e auxiliadora com o professor-supervisor tendo como objetivo norteador o progresso do processo de ensino-aprendizagem.

3.1 – O Estágio na visão das docentes

Para o enriquecimento da nossa pesquisa, constatamos em um primeiro momento, o olhar dos docentes responsáveis pelo estágio, no curso de Pedagogia, tendo como intuito perceber como os mesmos concebem o estágio, como o mesmo vem se desenvolvendo, qual a sua finalidade e quais são os principais avanços e desafios enfrentados para a realização do mesmo.

Ao serem indagadas sobre a concepção de estágio. As professoras avaliam:

O estágio supervisionado é um ato educativo a ser supervisionado por um professor habilitado. O referido estágio faz parte dos cursos profissionalizantes e tem a função de preparar, no caso dos cursos de licenciatura, os futuros profissionais da educação para a prática docente. É um momento de formação onde acontece a práxis educativa. (DOCENTE - D.R.F.B)

O estágio supervisionado é o reconhecimento do que é aprendido teoricamente e observado na prática, trazendo assim, relações com a realidade escolar. Salientando que não é apenas observação, mas um momento de trazer discussões e (re)pensar a realidade escolar. (DOCENTE - M.C.F.M)

Percebemos que há compreensões diferentes sobre o estágio, onde uma entende o ES apenas como uma etapa da prática de professor e a outra estabelece a importância de se ter uma reflexão a cerca das problemáticas e dos desafios existentes no campo de estágio, tendo o mesmo não somente como um campo teórico-prático, mas também como um campo de pesquisa e de entendimento de como se estabelece as questões da escola. Neste sentido Zabalza (2014, p.97) corrobora que “o estágio integra-se no campo profissional como um momento e um recurso importante na formação de nossos estudantes”. Nessa concepção percebemos o estágio como além de ser um momento integrador, um momento formativo. A autora Zabalza (op.cit, p.114) ainda nos diz que o estágio:

É um momento da formação no qual se privilegiam dois aspectos básicos e interconectados entre si: o contato com um cenário profissional real e a função *encontro*. Os estudantes saem das aulas para se encontrar com a realidade viva de um cenário profissional abre as portas para outros múltiplos encontros.

O período do estágio surge como uma ferramenta que interliga de forma direta o conhecimento teórico obtido na sala de aula, na universidade com a prática que será obtida na escola-campo.

Continuando ainda com a pesquisa, buscamos saber como vem se desenvolvendo e a finalidade do estágio de Pedagogia no Campus.

O estágio supervisionado é desenvolvido atualmente em escolas públicas municipais e estaduais que têm atuação do 1º ao 5º ano do ensino fundamental. Os estagiários recebem orientações gerais acerca do estágio, da observação e da documentação, assim como o planejamento das atividades. Saem para a observação das escolas e contato com os educadores para o início do planejamento das atividades de intervenção, que acontecerão nas referidas escolas, após a fase de preparação. Os conteúdos e as competências são decididos pelos professores titulares e o planejamento deve considerar as necessidades de cada turma. Finalidade: preparar para a docência nos anos iniciais do ensino fundamental. (Docente - D.R.F.B)

O Estágio Supervisionado vem sendo desenvolvido como uma forma tecnicista, sem reflexões a cerca da educação. Como um ambiente de reprodução e não produção de novos saberes sobre o conhecimento pedagógico. (Docente - M.C.F.M)

Essas reflexões nos mostram que o ES ainda tem muito a avançar, precisamos desconstruir o conceito de que o estágio é apenas um campo prático. É preciso considerar esses momentos como espaços para reflexões, sejam elas feitas no campo de estágio ou na universidade, onde se possa compartilhar o que se viu de problemáticas existentes, possa dividir os medos, inseguranças, emoções presentes nesse cotidiano dos estagiários. Ou como diz Zabalza: (op.cit, 117):

Uma das principais contribuições do estágio é a possibilidade de integrar-se em um cenário profissional real e conhecer e participar *in situ* da cultura e estilo de trabalho daqueles que exercem a profissão a que o estudante realizando as práticas deseja acessar. Fazer o estágio significa encontrar a profissão e suas práticas, o que fazem os profissionais desse campo e sua cultura, a forma de entender as coisas, de expor os problemas, de entender a função profissional, entre outros.

No que consiste aos desafios enfrentados no cotidiano do estágio, as referidas professoras consideram:

Desafios:

- a) Falta de fluxograma como indicação dos conteúdos a serem trabalhados no semestre 2016.2)
- b) Falta de transporte para os estagiários e para a orientadora/supervisora do estágio, que visita as escolas com recursos próprios.
- c) Mais de uma turma para acompanhar. Tenho duas turmas de estágio supervisionado II. (Docente - D.R.F.B)

De tornar o Estágio Supervisionado como um campo de produção de conhecimento, de trazer a realidade a discussão sobre os temas referentes à educação. (Docente - M.C.F.M)

Analisando as falas, percebe-se que os desafios de infra e do número suficientes de professores para acompanhamento são elementos importantes, porém como coloca a segunda professora é importante refletir para que se transforme o campo de estágio em um campo de conhecimento e de articulação entre estágio e pesquisa, pois como nos diz Freire (2015, p.30) “Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino”. Sendo assim, a pesquisa deve fazer parte do processo pedagógico, pois ocupa um papel fundamental no processo ensino-aprendizagem e por certo se torna uma ferramenta indispensável para instigar os discentes a serem pesquisadores.

3.2 Memórias da autora e do Estágio da pesquisadora

Com a finalidade de demonstrar as contribuições que o estágio proporciona à formação docente e como essa etapa da nossa formação contribuiu para a inserção na pesquisa, eu como a autora desse trabalho, trago aqui uma síntese de algumas vivências no decorrer da formação no estágio, na Universidade Estadual da Paraíba no curso de Licenciatura plena em Pedagogia. Relataremos as experiências contidas no decorrer dos Estágios Supervisionados I, II e III, suas implicações e contribuições para a nossa vida profissional.

Nas primeiras semanas do curso já sentia uma ansiedade em ministrar aulas, desse modo ficava atenta às explicações dos (as) professores (as) e me dedicava ao máximo que podia nas disciplinas pedagógicas. Em momentos de discussão das disciplinas, juntamente, com os colegas de classe criticava o sistema público de educação e de certa forma, imaginávamos soluções e formas de melhoria frente ao que vivenciamos na nossa formação de ensino básico. Nesses momentos de discussões, alguns colegas que já lecionavam, traziam seus relatos e suas experiências. Nessas conversas aumentavam ainda mais a minha vontade de lecionar e poder contribuir para uma possível mudança da escola. Desta forma iniciei o 6º período, ansiosa em estagiar. No estágio I, fui direcionada à uma escola de Educação Infantil, onde cumpri estágio no jardim II, conforme orientada pela professora responsável. Apenas observava o comportamento da professora e dos alunos, além de fazer algumas anotações em relação à escola. E ficava angustiada como não fazer algo para mudar essa realidade. (MEMÓRIAS DO RELATÓRIO DE ESTÁGIO DA AUTORA-2015)

Essa inquietude fez que fosse buscar como vinha sendo organizado o Estágio em outras universidades e constatamos em uma revista eletrônica da Universidade de Guarulhos (UNG, 2006) como esse fazer acontecia, vimos então que a proposta tinha praticamente o mesmo formato do nosso curso:

As atividades do estágio curricular realizado em escolas de Educação Básica, públicas ou particulares, abrangem as modalidades: **observação** – estagiário direcionando o olhar para a concepção do processo ensino-aprendizagem;

participação – estagiário, colaborando com o professor da sala, por meio de, por exemplo: encaminhamento nas dificuldades reveladas ou identificadas nos alunos; auxílio na elaboração, aplicação e/ou correção de provas e/ou trabalhos; elaboração e/ou auxílio em projetos de recuperação/reforço; realização de atividades “burocráticas” (fazer chamada, registrar conteúdo no diário de classe, passar notas e/ou conceitos, levantar total de faltas); auxílio em eventos e/ou excursões.

Regência – estagiário assume a classe por uma aula, no lugar do professor. Essa atividade requer a elaboração antecipada de plano de aula, seleção e preparação de material didático, apresentados ao professor da sala e ao supervisor de estágio.

Isso nos inquietou ainda mais, pois passamos a querer entender melhor como o estágio poderia se desenvolver, que modificações poderiam ser feitas na proposta de estágio para que o espaço do estágio fosse mais aberto a inovações e tivesse mais uma participação ativa nas escolas de apoiar as professoras das creches e pré-escolas.

Sentimos muita dificuldade ao tentar brincar com as crianças elas ficavam muito inquietas, não conseguiam se concentrar, atrapalhavam as que queriam brincar, empurravam as outras crianças, se jogavam no chão. Perguntei se elas sabiam cantar alguma musiquinha e fiquei surpresa por elas não saberem nenhum cântico de roda. As cantigas de roda nada mais são do que um ritmo de canção popular que está inteiramente relacionada às brincadeiras de roda. As melodias geralmente são aquelas que fazem parte do universo imaginário das crianças, temas referentes a sua realidade e deve conter letras que as crianças memorizem facilmente. (MÉMOIAS DO RELATÓRIO DE ESTÁGIO DA AUTORA-2015)

Nesse mesmo estágio refletimos e fomos percebendo o desinteresse dos alunos em aprender estava associado à didática utilizada pela professora que não trabalhava de forma lúdica com aquelas crianças. Sentimos a falta da Contação de Histórias, um instrumento importante no desenvolvimento da ludicidade das crianças.

E quando buscamos em Bruno Bettelheime (1980) uma reflexão sobre o lúdico ele nos fala que os contos de fada desenvolvem o lado psíquico das crianças, fazendo com que as mesmas exponham suas fantasias. Da questão de se trabalhar o imaginário, pois é necessário se trabalhar a ludicidade com as crianças, proporcionando assim prazer e alegria em aprender.

Nessa linha de pensamento Cascudo (2001, 2001, p. 240), nos diz:

As cantigas têm algumas características próprias como, por exemplo, a letra. Além de ser uma letra simples de memorizar, é recheada de rimas, repetições e trocadilhos, o que faz da cantiga um jeito de aprender brincando, frequentemente falando da vida dos animais, das plantas, do alfabeto, dos adultos, das crianças, e de muitas coisas.

Assim, quando usamos os animais colocamos episódios fictícios, que confrontam a realidade humana com a realidade daquela espécie, de tal modo fazendo com que a atenção da criança fique presa à história relatada pela música, o que estimula a sua imaginação e memorização com alegria.

Outro ponto bastante forte que foi observado foi à questão da falta de brinquedos pedagógicos nas aulas. Aprendemos nos componentes de fundamento da Educação Infantil, antecedentes do estágio, que o brincar é um ato primordial para a saúde física, afetiva, emocional e intelectual de cada criança, pois através do brincar que se desperta o interesse em

querer aprender brincando. Seja através de jogos e brincadeiras pedagógicas, pois neles as crianças interagem uma com as outras afirmando um elo maior de amizade e de comunicação, além de ajudar na percepção. Permitindo assim que a criança promova o desenvolvimento cognitivo e melhore a sua capacidade de apreensão e compreensão. Que ela socialize-se com outra criança e desenvolva a linguagem. Isso segundo Kishimoto (2008, p. 1):

A criança não nasce sabendo brincar, ela precisa aprender, por meio das interações com outras crianças e com os adultos. Ela observando outras crianças e intervenções da professora ela aprende novas brincadeiras e suas regras. Depois que aprende, pode reproduzir ou recriar novas brincadeiras. Assim elas vão garantindo a circulação e preservação da cultura lúdica.

Aprendemos que o brincar permite a criança criar, imaginar e representar a realidade e as experiências por ela adquiridas. Visto que é nas brincadeiras que as crianças transformam os conhecimentos que já possuíam anteriormente, seus conceitos gerais.

Dessa forma percebemos que no processo da Educação Infantil, o papel do professor é primordial, pois ele é aquele que vai criar espaços para uma aprendizagem significativa e irá mediar a construção do conhecimento. E tendo na brincadeira a ferramenta para assegurar valores e desenvolver as aprendizagens de modo mais criativo.

Assim sendo o brincar permite à criança criar, imaginar e representar a realidade e as experiências por ela adquiridas, visto que é nas brincadeiras que as crianças transformam os conhecimentos que já possuíam anteriormente em conceitos gerais com os quais brincam. As avaliações de tais aulas foram feitas através da participação e o aprendizado dos alunos, sendo observado o desempenho dos mesmos durante o desenvolvimento das atividades em sala.

Dessa experiência primeira do estágio, como parte dessa intervenção formativa, achávamos que devíamos trabalhar algo interessante com as crianças, como relatamos:

E o nosso objetivo era proporcionar a participação e interação delas e entre elas. A atividade que escolhemos pensou em trabalhar o desenvolvimento lúdico e o aprendizado, entre o brincar/aprender. Elaborei uma proposta de jogos pedagógicos feitos com sucata (material reciclado). Visto que todo material reciclável tende a despertar nas crianças novos interesses, desenvolvendo a criatividade e mostrando as possibilidades de transformar objetos em brinquedos, além do mais despertando na criança o cuidado com o meio ambiente, pois os brinquedos de sucata são de uma forma de gerenciamento do lixo, e busquei orientar e conscientiza-los para uma educação ambiental.

Trabalhamos com as crianças 02 (dois) tipos de jogos pedagógicos feitos com material reciclável (caixas de ovos e papelão), formas geométricas e círculos de EVA. O jogo com as caixinhas de ovos, tinha círculos de eva coloridos, cada cor tinha uma sequência, onde as crianças de acordo com as cores teriam que ir preenchendo em sequência, e depois ir contando quantas bolinhas tinham cada fila de uma cor. De acordo com o que eles iam respondendo, íamos retirando as bolinhas

e perguntando quanto ficavam? O outro jogo feito com papelão tinham as formas geométricas em eva com cores iguais a pintura, onde a criança vai por meio das cores e das formas tentar colocar as pecinhas certas. No término da aula, observei o quanto às crianças gostaram, e o quão prazeroso é ensinar/brincando, sem dúvidas foi muito proveitoso. (MÉMOIAS DO RELATÓRIO DE ESTÁGIO I DA AUTORA-2015)

No 7º período, Estágio em anos iniciais do Ensino Fundamental I, estagiamos em uma turma de 5º ano. Vejamos o que significou esse momento:

Ao chegarmos, no primeiro dia para realizarmos a observação, fomos bem recebidos pela professora e pelos alunos (as). Podemos afirmar que a sala do 5º ano era um ambiente construtivo e bastante motivador. Era visível que a professora tinha uma ótima didática, pois conseguia trabalhar o conteúdo de modo compreensivo e incentivador. Buscava sempre a participação e o envolvimento da turma, tirando sempre as dúvidas de seus alunos.

Sentimos que no Estágio II seria preciso também cumprir algumas horas aplicando as atividades de docência. Para a realização desta parte do estágio foi elaborado atividades de plano de aula (em anexo), com a seguinte metodologia: aula explicativa, diálogos sobre o conteúdo abordado em sala de aula entre professor e aluno a partir da explicação e aplicação de exercício oral, seguido de atividades escritas e ilustrativas. Os recursos didáticos utilizados para a realização da aula foram: livro didático, mapa da América do Sul, atividades impressas, globo terrestre entre outros, ferramentas de medidas de comprimento. O primeiro dia foi abordado o tema: Números ordinais, onde foi utilizada como metodologia uma aula explicativa, atividades orais utilizando exemplos do nosso dia-a-dia, e buscando a interação com os alunos, e depois foi realizado uma atividade escrita para verificar a aprendizagem dos alunos. No dia 07/04 no primeiro horário foi aula de geografia e o conteúdo ministrado foi a América do Sul, a aula foi uma aula bastante dinâmica e proveitosa, no segundo horário foi aula de história onde teve como assunto a exploração do ouro no Brasil (trabalho nas minas), o desenvolvimento da aula foi bem participativo, onde se fez uso do livro didático, e os alunos podiam ir acompanhando o assunto, e fazendo uma leitura compartilhada, sempre procurando dar exemplos para ficar mais claro o conteúdo. Na quarta regência no primeiro horário foi aula de Língua Portuguesa (Texto e interpretação de texto) e no segundo horário matemática (medidas de comprimento) onde se buscou ser aulas explicativas, demonstrativas e bem participativas. A terceira e a quinta regência foram dadas de maneira conjunta, onde duas estagiárias deram aulas juntas aulas foram juntas, e foi uma forma bem legal, onde uma pode ajudar e complementar a outra, onde na terceira regência cujo tema era sinais de pontuação foi elaborada uma dinâmica com fichas onde os alunos deveriam pontuar as frases corretamente, e foi uma forma de entrosamento com a turma, e uma maneira de descontrair, e ensinar brincando. (MÉMOIAS DO RELATÓRIO DE ESTÁGIO II DA AUTORA-2016)

Mas as vivências de sala de aula não contribuíram apenas para os alunos, percebemos que fomos os maiores beneficiados, pois a experiência nos motivou a procurar e elaborar atividades para auxiliar os alunos e promover aulas participativas e significativas. Além disso, tudo o que foi vivenciado colaborou em nossa formação docente e fez de nós profissionais mais comprometidos com a educação.

No 8º período, teríamos o estágio III- em Gestão Educacional, que seguiu da seguinte forma:

No estágio III seria a vez do estágio na área de gestão, nessa parte um dos requisitos obrigatórios é o momento das intervenções que envolvesse a gestão escolar. A idéia era estabelecer uma relação com a escola a partir de contatos com os pais, alunos e professores, tendo como objetivo discutir sobre problemas que aconteciam na escola, observados por nós. Após a observação fizemos a caracterização da escola e avaliamos se tinha Projeto Político Pedagógico e nos debruçamos sobre ele. A sequência das atividades segue com um debate com o gestor da escola, onde discutimos os financiamentos da escola e seus órgãos representativos (grêmio estudantil, conselho escolar, conselho de pais). Essa reflexão nos levou a aprofundar sobre essas questões e que nos serviu como elementos importantes no Relatório. (MÉMOIAS DO RELATÓRIO DE ESTÁGIO III DA AUTORA-2016)

Nessa parte, percebemos o Estágio em Gestão Escolar foi um momento importante que nos possibilitou a oportunidade de entender a função de gestor e/ou coordenador pedagógico, e ter contato com vários segmentos da escola, nos fazendo refletir não somente sobre a realidade escolar, mas como são geridos os processos de administração escolar, as questões financeiras da escola, e assim poder entender como funcionam o gestor a escola. Também percebemos que o processo de gestão democrática aos poucos estava sendo implantado na escola, tendo como exemplo o acertado papel desenvolvido pelo Conselho Escolar onde havia a participação dos segmentos que fazia a escola e seu desdobramento sempre envolvia a comunidade.

3.3 – A vivência cotidiana do Estágio: com a palavra os (as) discentes

Sendo o estágio supervisionado um momento fundamental na vida acadêmica que proporciona: o diálogo, a superação das dificuldades, a descoberta e a construção da identidade docente e um refazer constante da prática educativa, o mesmo nos proporciona significativas aprendizagens. Ou como disse Piconez (1998 p.30):

A disciplina Estágio Supervisionado pertence ao currículo do curso de formação de professores e deve ser pensada nesse âmbito. O preparo para o exercício do magistério não pode constituir-se tarefa exclusiva desta disciplina. Ela precisa estar articulada com os demais componentes curriculares do curso. Não pode ser isoladamente responsável pela qualificação profissional do professor, deve, portanto, estar articulada ao projeto pedagógico do curso.

Com vistas a entender o que pensam os discentes sobre essa parte da formação ao indagarmos sobre a concepção de estágio que os mesmos tinham, os mesmos ponderam:

O estágio é uma porta para observar na prática o que foi visto em sala durante o processo de teoria, possibilitando, assim, ao aluno a aproximação da teoria e prática, e um lugar onde o aluno começa a formar sua identidade, a partir da vivência,

enquanto educador (a). (DISCENTE 1, A.M.S)

O estágio é um momento fundamental para o estudante enquanto futuro profissional da área que deseja atuar, pois a partir dele, o aluno terá a oportunidade de colocar em prática tudo aquilo que aprendeu durante os momentos em sala de aula. Portanto considero que a relação teoria e prática passa ser moldada a partir das experiências e vivências do estágio. (Discente 2, J.D.S):

O estágio é uma base que o discente tem antes de entrar de vez, no campo profissional da educação. É um momento de ganho de experiência que será muito importante para a formação e futura carreira pedagógica. (Discente 3, F.D.R)

Vejo o estágio como uma possibilidade para testar as habilidades profissionais do estudante e sua aproximação da teoria com a prática. (Discente 4, E.A.S)

Analisando essas falas vemos que os (as) discentes avaliam o estágio deve ser o elo entre a teoria e a prática, entre tudo aquilo que vamos aprendo nos componentes, na vida e na escola para promover o desenvolvimento profissional.

Ainda ao perguntarmos como descreviam essa vivência, as respostas foram as seguintes:

Inicialmente no meu primeiro estágio me deparei com uma realidade gritante que acabou me frustrando enquanto a formação de professor, com o passar dos tempos fui tomando gosto pelo estágio, pois meu olhar foi além do que estava vivenciando. Sabemos que na teoria é tudo muito lindo, mas quando parte pra prática a direção muda de rota, por diversos fatores. Enfim foi uma vivencia relevante e que acrescentou muito na minha formação enquanto futura pedagoga. (DISCENTE 1 A.M.S)

Considerando a falta de experiência, de primeiro momento, o estágio me colocou em estado de choque, pois na maioria das vezes imagina-se uma realidade e quando temos a oportunidade de vivenciá-la acabamos descobrindo que muitas vezes ela se distancia daquilo que vemos na teoria enquanto estudantes (Discente 2 J.D.S):.

Foi proveitoso, pois sem experiência nenhuma pude conhecer um pouco da verdadeira realidade dos professores em sala de aula e ter uma noção do que enfrentaria dali em diante. Com relação ao comando da escola onde estagiei fui recebida muito bem e sempre colaboravam para o que eu precisava. (Discente 3 F.D.R)

Minha vivência foi gratificante, pois adquiri novas experiências e pude me aperfeiçoar mais com relação a metodologia de ensino, deixando o método tradicional com menos evidência. (Discente 4 E.A.S)

A partir destas reflexões, pode-se perceber que se por um lado os discentes têm uma visão ampla sobre a importância do estágio, entendendo que o mesmo proporciona o elo entre teoria e prática e a aproximação da realidade, tendo um papel fundamental para a sua

formação docente. Frente a esse embate, pode-se dizer que o estágio é um momento de aprendizado. De outro, ainda vemos que uns se assustam e entram em choque com a realidade deparada nas escolas, uma vez que há uma como diz a discente: “uma distancia daquilo que vemos na teoria enquanto estudantes”, frente a tantas problemáticas que a escola enfrenta. Ou como diz essa outra: “sem experiência nenhuma pude conhecer um pouco da verdadeira realidade dos professores em sala de aula e ter uma noção do que enfrentaria dali em diante”.

Com o intuito de saber as contribuições do estágio supervisionado na formação dos futuros licenciandos, que nos relatam:

Trouxe várias contribuições que ficaram marcadas em minha prática enquanto docente, dentre elas a necessidade do aperfeiçoamento da prática pedagógica continuamente. Como também um olhar crítico e observador voltado para a práxis dos docentes. (Discente 1 A. M.S)

O estágio é o momento de descobertas, nele temos a oportunidade de decidir se o caminho que queremos seguir é realmente este. Como futura profissional, acredito que o estágio me possibilitou uma visão diferenciada de como eu devo atuar, e da importância de buscar aperfeiçoar meus saberes constantemente. (Discente 2 J.D.S)

As contribuições foram o ganho de experiência, me servindo muito para quando depois dali fui exercer a função de professora assistente em uma escola. (Discente 3 F.D.R)

Contribuiu para o enriquecimento dos meus conhecimentos didáticos e na forma de como conviver com os alunos. (Discente 4 E.A.S)

Analisando esses depoimentos, observamos a associação do estágio como espaço primordial na formação profissional salienta pela discente: “Trouxe várias contribuições que ficaram marcadas em minha prática enquanto docente, dentre elas a necessidade do aperfeiçoamento da prática pedagógica continuamente” ou mesmo por essa outra, quando diz: “nele temos a oportunidade de decidir se o caminho que queremos seguir é realmente este”. Nessas falas percebe-se o quanto o estágio tem um papel decisório na forma dos discentes enxergarem o futuro campo de atuação. Visto que nessa fase se fortalece a relação escola e universidade, em que nós discentes trocamos conhecimentos com professores mais experientes e aprendemos o fazer da profissão docente.

O conhecimento da realidade da escola através dos estágios deve favorecer reflexões sobre uma prática crítica e transformadora possibilitando a reconstrução ou a redefinição de teorias que sustentam o trabalho do professor (FAZENDA, 1991).

3.4 - O Estágio como ponte de acesso ao conhecimento da realidade: com a palavra a educadora da escola campo

Nossas concepções ainda embrionárias quando chegamos às escolas campo de estágio, produzimos julgamentos e avaliações e várias críticas as escolas e, em sua maioria, rotulamos os (as) professores (as) que nos acompanham como sendo pouco inovadores em suas práticas e metodologias. No entanto, não buscamos fazer uma compreensão da complexidade das práticas institucionais e de algumas problemáticas no cotidiano dos (as) professores (as).

Algumas vezes a forma de como os discentes das licenciaturas enxergam o papel dos(as) professores(as) é constrangedora, fazendo com que as instituições de ensino se recusem, a nos receber. E ao que percebíamos na nossa turma, inúmeras eram as críticas com relação ao funcionamento da escola ocasionando o distanciamento entre a mesma e a universidade.

E como relatamos as nossas atividades no estágio, além de termos que elaborar diversas atividades relacionadas com o ensino/aprendizagem, são os (as) professores (as) das escolas que nos avaliam. Como fazemos esse pré-julgamento se é com eles (as) que também aprendemos?

Essa percepção nos leva a refletir que a atuação nos diferentes estágios, às vezes, nos restringe apenas a captar os desvios e falhas da escola, dos diretores e dos professores, configurando-se como um criticismo vazio, com críticas aos seus profissionais como “tradicionais” e “autoritários”, ou sem qualificação. O que gera e gerou conflitos e situações de distanciamento entre universidade e a escola durante alguns períodos.

Nesse sentido, os estágios nos influenciam na questão de enxergarmos a realidade e nos prepararmos para com o que futuramente iremos enfrentar. No fazer da profissão docente o processo de identidade se constrói e reconstrói a todo o momento. Essa construção se dá no campo pessoal, coletivo e nas diversas práticas sociais de vida e trabalho, nas vivências cotidianas, e o estágio é uma delas. Seguindo esse mesmo pensamento, Ghedin (2015, p. 221), considera:

O que se apresenta no discurso dos estudantes é que o professor internaliza uma dicotomia entre ensino e pesquisa que acaba influenciando decisivamente na legitimação de sua identidade de docente pesquisador; o que como nos deixa claro o significado e a necessidade de uma educação científica que leve o estudante a construir, de forma autônoma, o seu próprio conhecimento como condição de sua identidade.

Querendo entender um pouco como professor da escola campo percebe a relação do professor com estagiário, ela nos relata:

Vem sendo desenvolvido através de conversa, observando os pontos positivos e negativos. (Professora - L.B. V)

Embora, a resposta tenha sido objetiva e que nos deixa sem poder analisar com mais detalhe o que ela pensa, essa professora no cotidiano vem apoiando os estagiários, pois a mesma sempre nos orientou sobre a relação de autoridade com os alunos, como devemos agir em sala de aula e nos passava muita segurança.

No que se refere como ela avalia a nossa postura de estagiários e como chegamos na escola e o nosso direcionamento frente às situações problemas da sala de aula. A professora considera:

Chegam até a escola campo às duas situações: Alunos bem direcionados que desempenham muito bem todas as etapas do estágio. Há outros, que vem sem direcionamento, não tem vocação e não dominam as aulas do estágio. Durante esse período que tenho acompanhado e observado as aulas do período de estágio, nunca me deparei com situação-problema. (Professora - L.B.V)

Dando sequencia a esse mesmo questionamento buscando entender como ela percebe o nosso direcionamento e desempenho nas escolas, indagamos ainda: você acha que esses alunos que chegam bem direcionados e conseguem desempenhar o seu papel, na verdade são alunos que já tem alguma experiência ou não?

Em sua maioria sim! Alguns já exercem o magistério, ou já tem algum contato com a sala de aula, muitos por não exercerem e ser o primeiro contato com a escola ficam inseguros e é isso que muitas vezes os atrapalham. (Professora - L.B. V)

De acordo a pesquisa realizada com a professora e pelo que constatávamos diariamente em nossa sala de aula, percebíamos que os(as) discentes com experiência na área do magistério chegavam ao campo de estágio menos inseguros, conduziam melhor a experiência no estágio e desenvolviam com mais aprofundamento a didática e as ações na escola, tornando-se para os mesmos mais fácil de entender o fazer de sala de aula e as práticas pedagógicas.

É importante que na Universidade se tenha momentos de discussões e de retorno das visitas as escolas campo que trabalhem a questão da insegurança de muitos discentes. Que essas questões sejam debatidas em sala, estudadas e aprofundadas teoricamente, para que não

se pense o estágio apenas como o momento prático. Mas que seja uma dimensão de envolvimento de como iremos nos posicionar frente às situações profissionais. Ou como reflete Pimenta e Lima (1997, p.39)

A perspectiva técnica no estágio gera um distanciamento da vida e do trabalho concreto que ocorre nas escolas, uma vez que as disciplinas que compõem os cursos de formação não estabelecem os nexos entre os conteúdos (teorias?) que desenvolvem e a realidade nas quais o ensino ocorre. A exigência dos alunos em formação por sua vez, reforça essa perspectiva quando solicitam novas técnicas e metodologias universais por acreditar no poder destas para resolver as deficiências da profissão e do ensino, fortalecendo assim o mito das técnicas e das metodologias.

Dando prosseguimento a pesquisa ao questionar sobre as principais dificuldades que se observa na realização do estágio A entrevistada respondeu:

Falta de domínios dos conteúdos, falta de domínio da disciplina da turma, ausência de recursos para apresentação das aulas. (Professora - L.B. V)

É nesse sentido, que Pimenta e Lima (2011, p. 43) consideram que no estágio dos cursos de formação de professores, compete possibilitar que os futuros professores, compreendam a complexidade das práticas institucionais e das ações aí praticadas por seus profissionais como alternativa no preparo para sua inserção profissional.

3.5 Observação das Dificuldades Encontradas para se ter aulas mais Atrativas

Hoje, muitas escolas são equipadas por vários instrumentos tecnológicos que possibilitam os (as) professores (as) deixar suas aulas diferentes do cotidiano, porém a presença desses materiais nem sempre estão ao seu alcance e quando estão são de forma em que não dá para ser utilizados por estarem instalados de forma incorreta, deixando-os incapacitados de serem utilizados. Fagundes (2010, p. 3), considera:

Os recursos aqui apresentados não devem ser usados com listas de prioridade e destino específico. Esses recursos mudam porque são desenvolvidos continuamente para servir a atividades cada vez mais complexas, no entanto, lúdicas, divertidas, gratificantes e totalmente criativas. Os professores podem explorá-los juntamente com seus alunos buscando soluções originais para representar os conhecimentos que estão construindo, de modo interativo, cooperativo e cada vez mais útil e original.

Para que esse recurso venha a obter resultados não é necessário que a escola em que o professor atua tenha recursos tecnológicos, mas, sim professores criativos e que gostem de inovar a sua metodologia de trabalho.

O comportamento dos estudantes em sala de aula, também muitas vezes, leva o professor a não tentar modificar sua forma de ensinar e muitas vezes eles não tentam fazer nada para que este problema seja solucionado.

Também usam como justificativa a falta de materiais didáticos para inovar sua metodologia. Isto tanto pode ocorrer em uma escola bem estruturada ou até mesmo nas mais precárias, em questão de infraestrutura. A esse respeito, André (1995, p.72), em uma de suas pesquisas sobre as práticas de uma escola da favela afirma que a participação ativa dos alunos nas aulas, assim como seu envolvimento nas atividades, vem apenas demonstrar que o aluno da escola pública não é apático e desinteressado como afirmam alguns. O que parece necessário é o que disse a supervisora da escola/campo: “Que descubramos formas de trabalhar com eles” (Supervisora - I.M).

Por fim, podemos perceber que para um bom resultado da qualidade de ensino em uma escola não depende apenas do que se existe nela e demais funcionários responsáveis pela elaboração das propostas pedagógicas. E fazendo uso das palavras de André (2010, p. 70) “... a investigação da prática docente não deve se esgotar no espaço da sala de aula, pois pode haver ligações diversas entre dinâmicas sociais e as formas de organização do trabalho escolar, as quais não podem ser desconhecidas”.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final deste trabalho, é importante destacar que o estágio enriquece a formação inicial de inúmeros licenciados, principalmente por introduzi-los de uma forma direta no contexto escolar, fazendo com que estes tenham a rica e valiosa oportunidade sistematizar conhecimentos, colaborar e intervir na prática educacional.

E de acordo com a pesquisa de campo e através da análise das informações coletadas em ambas as pesquisas, constatamos que o estágio contribui significativamente para a formação de professor e, em especial dos pedagogos, por proporcionar novas experiências e saberes da profissão mediante os princípios norteadores da pesquisa; além de contribuir com o seu desenvolvimento crítico, cultural e social. E leva-nos a perceber a profissão de forma contextualizada.

Existem dificuldades para colocar em prática as novas concepções e os novos modelos. É preciso estar aberto às novidades e procurar diferentes métodos de trabalho, mas sempre partindo de uma análise individual e coletiva das práticas.

Destaca-se que este processo de formação do professor e do pedagogo deve considerar a relação existente entre teoria e prática é de reciprocidade, onde uma complementa a outra como uma atitude crítica que orienta o desenvolvimento das competências profissionais, configurando-se em todo o processo educacional, partindo do pressuposto de que a construção do conhecimento não ocorre só na prática como também só na teoria, mas na conexão de ambos os saberes mediante o ato de aprender a aprender no exercício da profissão, visando uma ação transformadora. (NÓVOA, 1997)

Portanto, o estágio é verdadeiramente um componente muito importante na Matriz Curricular do Curso de Pedagogia, pois traz a compreensão da realidade educacional e ao ato de reflexão da profissão de professor, contribuindo com ensino de qualidade para a sociedade.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Arnon Mascarenhas de Andrade. **O Estágio Supervisionado e a Práxis**. Disponível em: WWW.educ.ufrn.br/arnon/estagio.pdf. 2005,p. 2. Acesso: 08/10/2016

BRZEZINSKI, Iria **Pedagogia, pedagogos e formação de professores: busca e movimento** / Iria Brzezinski. – Campinas, SP : Papyrus, 1996.- (Coleção Magistério: Formação e trabalho pedagógico)

CASCUDO, Luis da câmara. **Dicionário do folclore Brasileiro**. 10°. Ed. Rio de Janeiro: Editora Global, 2001

FAZENDA, I. C. A. et al. **A prática de ensino e o estágio supervisionado**. Campinas, SP: Papyrus, 1991.

FREIRE, Paulo/ **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**/ Paulo Freire – 51°ed – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FILHO, A. P. **O Estágio Supervisionado e sua importância na formação docente**. Revista P@rtes. 2010. Disponível em: <http://www.partes.com.br/educacao/estagiosupervisionado.asp> Acesso em: 25/11/2017.

GHEDIN, Evandro (et. al). **Estágio com pesquisa**. Elisângela Silva de Oliveira, Whasgthon Aguiar de Almeida. São Paulo: Cortez, 2015.

KEMMIS e MC TAGGART,1988, apud Elia e Sampaio, obra 2001, p.248

KISHIMOTO, Tizuko Morchida (org). **Jogo, brinquedos, brincadeiras e a educação**. 3° ed. São Paulo: Cortez, 2008.

NÓVOA, António (Coord). **Formação de professores e profissão docente In: Os Professores e a sua Formação**. 3ª ed. Lisboa (Portugal): Publicações Dom Quixote. 1997, p.15-33.

OLIVEIRA, Eloiza da S. G. de; CUNHA, Vera L. **O estágio supervisionado na formação continuada docente a distância: desafios a vencer e construção de novas subjetividades**. RED. Revista de Educación a Distancia. Murcia (España). v. 5, n. 14, p. 1-18, março 2006. Disponível em: < www.um.es/ead/red/14/oliveira.pdf > Acesso em: 10/10/2016.

PICONEZ, Stela. (org.) A Prática de Ensino e o Estágio Supervisionado: A aproximação da Realidade Escolar e a Prática da Reflexão. In: **A Prática de Ensino e o Estágio Supervisionado**. 3a edição. Campinas, SP: Papyrus, 1998.

PIMENTA, Selma Garrido (Org.). **Didática e Formação de Professores: percursos e perspectivas no Brasil e em Portugal**. São Paulo: Cortez, 1997.

PIMENTA, Selma Garrido. **Estágio e docência**/ Selma Garrido Pimenta, Maria Socorro Lucena Lima, 6.ed – São Paulo: Cortez, 2011. – (coleção docência em formação. – Série saberes pedagógicos)

Regimento dos cursos de graduação da Universidade Estadual da Paraíba.

Resolução/uepb/consepe/068/2015 disponível em:

<http://proreitorias.uepb.edu.br/prograd/download/068-2015-APROVA-O-REGIMENTO-DA-GRADUACAO.pdf>. Consultada em: no dia 17/01/17 às 18h25min.

Revista Espaço Acadêmico - N° 73 – Junho/2007. Estágio curricular supervisionado no curso de licenciatura: momentos de vivência da profissão professora nas escolas de educação básica. ISSN 1519. 6186. Disponível em:

<https://www.espacoacademico.com.br/073/73silva.htm>. Acesso em: 17/01/17 às 17h:59min.

_____. SOCORRO, Maria Lima. Porque o estágio para quem já exerce o magistério: uma proposta de formação contínua. In: **Estágio e docência**. São Paulo: Cortez, 2010. 5 ed. (Coleção Docência em formação. Serie Saberes Pedagógicos).

Silva, Carmem Silvia Bissolli da **curso de pedagogia no Brasil: história e identidade**/ Carmem Silva Bissolli da Silva – 3.ed.- Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-ação**. 6 ed. São Paulo: Cortez, 1994.

ZABALZA, Miguel A. **O estágio e as práticas em contextos profissionais na formação universitária**/ Miguel A. Zabalza – 1. ed. – São Paulo: Cortez, 2014.

APÊNDICE

Centro Educacional Raul de Freitas Mousinho – Guarabira PB
Estágio Supervisionado II (Campo de Pesquisa)

Ilustração 1 FAIXADA DA ESCOLA



Foto: Marina Belarmino, 2016

Ilustração 2 ENTRADA DA ESCOLA



Foto: Marina Belarmino, 2016

Ilustração 3 PÁTIO



Foto: Marina Belarmino, 2016

Ilustração 4 QUADRA DE ESPORTES DA ESCOLA



Foto: Marina Belarmino, 2016

Ilustração 5 BIBLIOTECA



Foto: Marina Belarmino, 2016

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA–UEPB
CAMPUS III – GUARABIRA
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
ALUNA: Marina da Silva Belarmino
ORIENTADORA: Prof.^a Ms. Rita Cavalcante

Roteiro de entrevista

IDENTIFICAÇÃO:

- NOME (ou iniciais):
- SEXO F () M ()
- TEMPO DE SERVIÇO NA INSTITUIÇÃO:

Questões:

- 1) Quais são as principais dificuldades que você observa na realização do estágio?

- 2) Como vem sendo desenvolvido a interação professor/estagiário no campo de estágio?

- 3) Na sua concepção você acredita que os alunos chegam na escola campo com um bom direcionamento? O estágio ao longo desses anos lhe trouxe algumas experiências, comente alguma situação-problema que lhe chamou a atenção: